

Antinoüs e Sandwina:¹ encontros e desencontros na educação dos corpos brasileiros

Silvana Vilodre Goellner²

Alex Branco Fraga³

Resumo: Este artigo se propõe a analisar a educação dos corpos brasileiros no início do século XX. Através das obras inaugurais de Fernando de Azevedo, de fontes históricas e documentos disponíveis on-line, analisa as formas de exaltação do exercício físico para homens e mulheres formulados tendo como base um projeto de higiene corporal. **Palavras-chave:** Corpo, Educação Física, Saúde.

Arqueólogos, historiadores da arte, teólogos, estetas, poetas, antropólogos, pedagogos há muito tempo vêm tentando estabelecer, a partir de uma série de "retornos", um significado autêntico, primordial, original ao legado deixado pela estatuária greco-romana. Trata-se de uma interminável tarefa, pois em cada busca pela origem novos sentidos se instauram e outros tantos retornos se fazem necessários. Um legado só sobrevive assim,

-
- 1 Antinoüs e Sandwina são dois personagens que compõem parte da história da educação física. Ambos têm sido objetos de nossos estudos, pesquisas e aulas há um bom tempo. Alguns textos produzidos por nós, que abordam direta ou indiretamente esses personagens, já se encontram publicados em outros periódicos (FRAGA; GOELLNER, 2003; FRAGA, 2003; GOELLNER, 2003). Antes mesmo da *Jornada Gaúcha de gênero e sexualidade*, quando preparamos em pareceria a primeira versão do presente artigo, já investigávamos as trajetórias de Antinoüs e Sandwina e os efeitos que essas figuras produziram na pedagogia dos corpos e da saúde no Brasil do início século XX. Aqui não só organizamos os encontros e desencontros de uma série de dados coletados sobre esses personagens em relação à obra de Fernando de Azevedo, como também articulamos e ampliamos as análises que vimos empreendendo em nossas pesquisas.
 - 2 Professora Doutora do Departamento de Educação Física da UFRGS e Coordenadora do GRECCO - Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo.
 - 3 Professora do Departamento de Educação Física da UFRGS e Coordenador Adjunto do GRECCO - Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo e Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação - UFRGS.

diante de incontáveis "retornos" empreendidos em diferentes épocas. O entendimento contemporâneo a respeito do legado greco-romano está muito mais relacionado às apropriações, seleções e reinterpretações históricas dessa "cultura petrificada" do que a uma presumível verdade essencial submersa nos clássicos do período.

Ler os clássicos é fundamental, mas é importante levar em conta que eles não nos remeterão à verdade em estado bruto; como se neles pudéssemos encontrar uma origem perdida em meio a tantas distorções produzidas em diferentes momentos históricos - não há retorno possível ao original! O próprio ato de recuperar a origem traz consigo essa impossibilidade, pois essa busca se dá por meio de uma intensa disputa de significados que faz com que determinados cursos da história sejam estancados para que outros fluam; determinados valores se sobreponham e outros sejam marginalizados. Como nos lembra Walter Benjamin, "o originário não se encontra nunca no mundo dos fatos brutos e manifestos, e seu ritmo só se revela a uma visão dupla, que o reconhece, por um lado, como restauração e reprodução, e por outro lado, e por isso mesmo, como incompleto e inacabado".⁴

É nesse movimento de restauração e incompletude que investigamos os encontros e desencontros de *Antinoüs* e *Sandwina* nas obras inaugurais de Fernando de Azevedo.⁵ Mais especificamente, o movimento de glorificação dos atributos físicos masculinos percebidos na estátua do grego *Antinoüs*; e a marginalização, pela ausência de registro ou por intermédio de críticas sutis, de corpos femininos transbordantes como o da musculosa *Sandwina*. Nos vãos dessas saliências e obliterações uma forma específica de educação dos corpos brasileiros projetada no início do século XX se tornou visível, baseada em um padrão de higidez física e moral que presumia a nomeação de algumas anatomias modelos e a eliminação de outras consideradas prejudiciais à espécie.

4 Walter Benjamin, 1984, p. 67.

5 "Da Educação Physica" e "Antinoüs: estudo de cultura athletica", ambas publicadas em 1920.

Da higidez corporal

Nos primeiros anos do século XX, a constituição homogênea do povo brasileiro passou a ser o pilar fundamental de um projeto de humanidade centrado na eliminação de tudo aquilo cor-poralmente inominável. O disciplinamento e a crença na transformação da sociedade através da padronização do corpo brasileiro se tornaram mais sofisticados ao ganharem contornos científicos mais "apurados". Buscando modelar os corpos físicos, a eugenia remodelaria o corpo social pelo revigoramento orgânico e pela instauração de uma "consciência" no cidadão e a higiene asseguraria aos brasileiros e brasileiras uma condição física e moral capaz de legar robustez e integridade às gerações futuras.⁶

Fernando de Azevedo, um dos mais destacados intelectuais brasileiros do início do século XX/ conferiu à educação física um importante papel na conformação física e moral dos sujeitos brasileiros. Acreditava que para uma nação se impor era preciso que seus filhos fossem suficientemente fortes física e moralmente. Era preciso transformar o corpo indolente do/a brasileiro/a em um exemplo de higidez e resistência que fosse capaz de suportar, com vigor e determinação, as agruras da vida moderna.

No início do século XX a educação física ainda era ainda uma área muito incipiente, não havia escolas de formação e o saber dos professores geralmente se limitava à instrução prática. Por isso, antes de transformar o corpo do brasileiro, era preciso transformar o corpo docente da educação física. O próprio

6 Vera R. Marques, A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico, 1994.

7 Em 1922 escreve Conferências de Educação, documento incentivador do movimento pela reforma no ensino que se irradiou por vários estados. Em 1929, na condição de diretor-geral da Instrução Pública do Rio de Janeiro, Distrito Federal, comanda a reforma carioca. Em 1926, como jornalista do Estado de São Paulo, Fernando de Azevedo promoveu um grande e polêmico inquérito sobre a educação paulista. No ano de 1932 foi relator do importante Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, um dos textos mais eloqüentes sobre a importância da escola pública no país. Participou do movimento que resultou na fundação da USP em 1934 e do curso de sociologia sendo, por isso, considerado "pai" dessa área no Brasil. Em outro manifesto dirigido ao povo e ao governo em 1959, intitulado Manifesto dos Educadores - mais uma vez convocados, faz uma defesa intransigente em favor da escola pública, agregando o princípio da democracia e da gratuidade, em oposição aos defensores da privatização do ensino. Em 1968 foi eleito para a cadeira n° 14 da Academia Brasileira de Letras. Maria Luiza Penna, Fernando de Azevedo: educação e transformação, 1987.

Fernando de Azevedo resolve, em 1915, entregar-se de corpo e alma à matéria: candidata-se à vaga de professor em um concurso público no Estado de Minas Gerais.

Podia parecer estranha a atitude de um jovem intelectual que saía a campo para destacar o papel da educação física no plano geral da educação. Como se admitir que um escritor, de formação humanística, se deixasse empolgar pela educação física, a ponto de esforçar-se pela criação de uma cadeira dessa matéria, pleiteá-la como candidato e desencadear campanha em favor da ginástica, dos jogos e dos esportes/

Fernando de Azevedo buscava dedicação integral para comprovar, através de experiências práticas de verificação,⁸ a validade dos postulados científicos higienistas/eugenistas na reconfiguração da espécie e a viabilidade da educação física como vetor para atingir tal finalidade. Em *Da educação física* (1920) e *Antinoüs* (1920) ele foi tecendo sua doutrina pedagógica para a educação física brasileira tendo por base os métodos ginásticos europeus, que já desfrutavam de prestígio na Europa. A essa doutrina aliou elementos da cultura greco-romana idealizada pelos humanistas de sua época, justificando o projeto de corpo brasileiro nas imagens perpetuadas pela estatuária.

Azevedo exigia da educação física uma ação científica, inserida dentro de um plano nacional de educação, que desenvolveria ao máximo as virtudes da raça e as aptidões hereditárias de cada indivíduo. Uma educação física que, pautada por um estatuto científico e ao mesmo tempo moral, estivesse articulada à medicina e às normas jurídicas em favor de uma nova ordenação dos corpos, constituindo, assim, uma consistente retórica na qual estruturava sua proposta de "corpo-nação".

Dentro desta perspectiva, os exercícios físicos são apresentados como um poderoso instrumento modelador das formas e agente de ordenação dos corpos promíscuos: "um grande modificador higienico e plástico"⁹ que pela prática sistemática aumentaria o "capital-saúde" da população.

8 Fernando de Azevedo. *Da Educação Física*, p. 9-10.

9 Para José Américo Pessanha em "Filosofia e modernidade: racionalidade, imaginação e ética", as ciências humanas e sociais desse período sofreram uma forte influência dos pressupostos científicos cartesianos e baconianos, emergentes no período, que exigiam, de quem quisesse revestir seus estudos de algum caráter científico, a observância dos critérios empírico-matemáticos de quantificação, precisão, eliminação de qualquer ambivalência e de tudo que não pudesse ser legitimado pelos padrões estatísticos, ou seja, era preciso refutar o inominável.

10 Fernando de Azevedo, *Da Educação Física*, p. 23.

Incorporar esta nova crença nas práticas cotidianas de todos os brasileiros e constituir de forma duradoura uma "moral de enervamentos" compunham o imaginário social das primeiras obras de Fernando de Azevedo. Para viabilizar tal intento, era necessária uma educação física que fosse capaz de investir no equilíbrio funcional e morfológico dos indivíduos e de levar em conta o lema: "não retardar, mas também não precipitar" o desenvolvimento orgânico dos jovens moços/as. Uma educação física que, através da ginástica aplicada, poderia beneficiar a todos/as, "mas os/as fracos/as, sobretudo".

Se é necessário para o vigor da espécie, que todos os imperfeitos sejam destruídos, sobreponhamo-nos à natureza, não destruindo os imperfeitos com austeridade dórica, que mandava lançar ao Taygete as crianças disformes e punia a obesidade como um vício - o que seria deshumano, mas tornando-os perfeitos - o que seria altruístico; não eliminando os fracos, o que seria selvagem, mas eliminando-lhes a fraqueza - o que é dever da ciência.¹¹

A idéia de fraqueza não se relacionava somente às questões orgânicas, estava também, e principalmente, ligada à carência de atributos morais que levavam a população à indolência e ao desânimo. Fernando de Azevedo acreditava que tal estado orgânico só se mantinha por que os sujeitos não haviam desenvolvido suficientemente atributos físicos como virilidade, hombridade e coragem. Argumentava que "os phenomenos da vida orgânica e os phenomenos moraes, longe de serem separados por uma barreira intransponível, têm caracteres comuns e estão de tal modo ligados, que se interdependem e mutuamente se influenciam".¹²

No entanto, fraqueza, indisposição e debilidade afetam e prejudicam diferentemente a estrutura dos corpos masculinos e femininos. Era preciso impelir todos os sujeitos à educação física, pois a "natureza" dos corpos reclama uma atividade diferenciada para cada um dos pólos. Educar para a imposição física equilibrada era a finalidade do trabalho muscular destinado aos homens; exercitar os corpos para suportar os desígnios mater-nais era a missão reservada às mulheres.

O que é preciso, no entanto, ter sempre em vista na educação physica é a diferença do sexo (...). Os órgãos de agressão e defeza no homem reclamam violência de movimento, na mulher apenas gestos suaves, a quasi quietude. Por ex. o olhar do homem está habituado a produzir o medo e os signaes da energia e do mando; o da mulher é velludoso e educa-se em attrahil-os. A violência e o exercicio no

11 Fernando de Azevedo, Antinoüs: estudo de cultura athletica, p. 25. Gritos nossos.

12 Ibid., p. 41.

*homem criam as asperezas da superfície do corpo pelo desenvolvimento de ossos e músculos. A maternidade ou a sua predestinação avoluma as fôrmas do ventre, nos seios e nos membros inferiores. A visão destas fôrmas; sem claro-escuro, não tem angulosidades e é suave como a de um céu ou a de um lago e gerou toda a esthetica, porque o que nós chamamos bello é aquilo que pelas curvas ou outras associações remotas nos lembram fôrmas e estímulos genesicos, por menos que o pareçam.*¹³

No mesmo movimento em que Fernando de Azevedo anuncia os contornos corporais ideais, também vai constituindo o lugar do outro, do diferente, do negativo, do intolerável nos corpos masculinos e femininos brasileiros.

Estátua viva de Antinoüs¹⁴

*Antinoüs... E porque Antinoüs o titulo deste estudo de cultura athletica? A quem passear os olhos pelos exemplares da esculptura clássica, não pôde deixar de attrahir a attenção a estatua de Antinoüs, a ultima criação ideal da arte antiga. Era Antinoüs um dos mais formosos e robustos ephesos, cuja estructura anatômica nos foi conservada pela estatuaria, o especimen raro de força physica, mas de tão perfeita harmonia em todas as suas partes, que Poussinjá lhe citava a estatua como "o mais completo modelo das proporções da figura humana". E não é somente notável a estatua pela belleza plástica; representando o mais perfeito exemplar de vigor e elegância, que um ser humano podia realizar, a expressão graciosa do rosto nella contrasta com a vigorosa com compleição do corpo, e "em torno da bocca e do queixo (a afirmação éde Winckelmann) reina uma formosura verdadeiramente ideal", que nos deixa indecisos sobre o que mais admirar, se a perfeição da mascara graciosa e viril a um tempo, se o vigor harmônico de um corpo de athleta.*¹⁶



Este é o primeiro parágrafo da introdução do livro *Antinoüs: estudo de cultura athletica*;¹⁷ escrita originalmente em 1919 por Fernando de Azevedo, com texto de apoio a sua conferência na Sociedade Eugênica de São Paulo. Somente nesse parágrafo já encontramos estranhezas de várias ordens. Dentre elas, procu-

¹³ Fernando de Azevedo, Da Educação Physica, p. 94.

¹⁴ Utilizamos a grafia *Antinoüs* conforme encontrada no texto de Fernando de Azevedo, tanto na edição de 1920 como na de 1960, porém destacamos que também encontramos *Antínoo* em outros textos consultados.

¹⁵ Imagem de Antinoüs que ilustra o livro, Ginástica de quarto, de J. R Müller, s/d.

¹⁶ Fernando de Azevedo, Antinoüs: estudo de cultura athletica, p. 5.

¹⁷ Curiosamente há poucas investigações sobre as particularidades dessa obra, geralmente é estudada em conjunto com "Da Educação Física"; muito provavelmente pela reunião de ambas na edição de 1960, que é mais facilmente encontrada.

ramos questionar os motivos que levaram um jovem intelectual a sair a campo para destacar, entre tantas estátuas de personagens gregos, *Antinoüs* como ideal eugenista de corpo brasileiro; como finalidade de toda educação física e moral adequadamente aplicada.

Antinoüs nasceu em Bitínia, região da Grécia, por volta de 110 d.C.¹⁸ Por ter sido guindado ao posto de favorito do imperador Adriano, desfrutava das benesses de viver como seu efebo e amante; um tempo onde a prática da pederastia já declinava em função da ascensão do cristianismo em Roma. *Antinoüs* era descrito por seu imperador como o tipo ideal de beleza masculina greco-romana: jovem, viril, gracioso e um tanto melancólico, descrição imperial referendada pelo povo e legada às gerações futuras pela estatuária.

Em 130 d.C, em uma das viagens da corte do imperador pelo rio Nilo, *Antinoüs* morre afogado. As causas da morte nunca foram reveladas, pois Adriano impôs, e se auto-impôs, o silêncio como luto. As hipóteses são muitas, entre elas: mero acidente; suicídio motivado pelo medo de perder o lugar de efebo favorito; sacrifício induzido por Adriano (que vinha sofrendo com a enfermidade que o levaria à morte oito anos mais tarde), baseado na crença de que o afogamento de um jovem traria vida longa ao imperador; sacrifício voluntário, pelo mesmo motivo da hipótese anterior.¹⁹ Esta última parece ter angariado mais adeptos, talvez por ser a que melhor se ajuste à atmosfera de magia, tragédia e misticismo que se seguiu a sua morte.

Como forma de aplacar sua dor, Adriano procurou perpetuar a imagem de *Antinoüs* edificando uma cidade em sua honra localizada no Egito; cunhando moedas; estabelecendo jogos e festas em sua homenagem; construindo templos; instituindo cultos e sacerdotes próprios; pondo seu nome em uma constelação de estrelas, entre outras ações. *Antinoüs* foi comparado a muitas divindades: Osíris, Hermes, Dionísio, Apoio, Mercúrio; tornou-se a última criação ideal da arte antiga e o último deus do mundo clássico.²⁰ Por volta de 350 d.C. Atanásio vai reescrever a his-

18 Os dados sobre o nascimento de Antinoüs são imprecisos, pois era um jovem completamente desconhecido até sua ascensão como favorito do imperador Adriano, presumivelmente por volta de 123 d.C. Marguerite Yourcenar, *Memórias de Adriano*, 1986 e Sara Mesa Villalba, *La historia de Antínoo en Fernando Pessoa y en Marguerite Yourcenar: dos grandes de la literatura cara a cara*, 2002.

19 Sara M. Villalba, op. cit., 2002.

20 Mercedes Giuffré, *Antínoo y la misteriosa pasión de un emperador*, 2002.

tória de *Antinoüs* sob a ótica cristã, destacando determinadas características e suprimindo outras, dando à história uma interpretação mais moralizante. De certa forma vai se compadecer com o destino trágico do jovem bitínio e o colocar no lugar de escravo do desejo de um imperador pervertido e obcecado por sua própria imagem - algo que contribuiu para a constituição de uma estética mais "depurada" do mito.²¹ O culto à divindade de *Antinoüs* perdeu até aproximadamente o século V, período em que sucumbiu à força do cristianismo.

A aura de mistério que rondou esse personagem interessou autores como Oscar Wilde, Schiller, Goethe, Stefan George e já no século XX, Fernando Pessoa,²² Marguerite Yourcenar. E, no Brasil, Fernando de Azevedo, paradoxalmente em sua fase eugenista. Para Marguerite Yourcenar, a iconografia de *Antinoüs* passou novamente interessar arqueólogos e estetas desde que, em 1764, Winckelmann (citado por Azevedo em *Antinoüs: estudo de cultura atlhetica*) o reconduziu a um lugar importante na história da arte antiga. Porém, nada além da mera curiosidade iconográfica, desvinculada de análises sobre a vida ou morte do jovem grego. Somente por volta de 1900 é que J. A. Symonds, em *Sketches and Studies in Italy and Greece*, começa a romper com a imagem "depurada" de *Antinoüs* e com a tradição de biografias de Adriano que omitiam certas referências sobre a relação entre ambos, abrindo um leque de perspectivas que produziram diferentes versões sobre o personagem, abarcando desde interpretações eugenistas, as de Azevedo, até as mais recentes teorizações *queer*.²³

As referências a *Antinoüs* ao longo do texto de Fernando de Azevedo são mínimas e muito superficiais, detêm-se exclusivamente na estética corporal petrificada, mas são suficientes para apontar as contradições de um discurso que se pretendia fundamentalmente moralizador. Aqui pouco importa investigar se

21 Sara M. Villalba, op. cit., 2002.

22 Aqui é interessante ressaltar que Fernando Pessoa escreve o poema Antinoö em 1915, sendo publicado em Lisboa em 1918, praticamente no mesmo período que Fernando de Azevedo escreve *Antinoüs: estudo de cultura athletica*. Para o poeta português, Antinoö era o poema mais obscuro que havia escrito. Sara M. Villalba, op. cit., 2002.

23 "Esse termo, com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação. Para esse grupo, *queer* significa colocar-se contra a normalização - venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade; mas

Fernando de Azevedo sabia ou não das diferentes versões sobre a trajetória de *Antinoüs*; importa, isto sim, analisar a constituição de um projeto de corpo-nação, inspirado em princípios higiênicos e eugênicos, que toma como modelo de virilidade um personagem misterioso e indeterminável, predicados incompatíveis com a racionalidade científica moderna. Aqui importa tornar visíveis, através dos rastros dessas incontáveis versões, algumas passagens apagadas do *Antinoüs* "eugenizado" por Azevedo, bem como a relação desses e de outros tantos significados amputados em nome de um projeto de disciplinamento físico e moral.

Edificar as noções de vigor e virilidade sobre a estátua de *Antinoüs* foi uma das tantas formas de reduzir a indesejável instabilidade daquilo que o próprio Azevedo chamava de "estátuas vivas"; estancar-lhes os fluxos e encerrar-lhes características moralmente desejáveis. Fernando de Azevedo admitia uma única indecisão em relação a *Antinoüs*, quanto ao que mais admirar: "se a perfeição da máscara graciosa e viril a um tempo, se o vigor harmônico de um corpo de atleta",²⁴

O novo endeusamento da anatomia inanimada de *Antinoüs*, independentemente de sua trajetória, de certa forma tornava visível a negação da multiplicidade de masculinos possíveis em benefício de uma virilidade padrão imaginada; a estátua representava o encarceramento do corpo vivo em nome de um projeto socialmente centralizador: "o indivíduo não é nada; a espécie é tudo".²⁵

Antinoüs sintetizava a finalidade máxima da "verdadeira atlética"²⁶: formar tipos perfeitos, expressão do equilíbrio plástico-morfológico, através dos exercícios gímnicos e naturais, congregando dois princípios atribuídos aos gregos como fundamentais e inseparáveis: idéia-força e idéia-beleza. Para o escritor de tradição humanista essa estátua era a emanação natural do vi-

não escaparia de sua crítica a normalização e a estabilidade do movimento homossexual dominante", Guacira L. Louro, *Teoria Queer - uma política pós-identitária para a educação*, p. 546.

24 Fernando de Azevedo, *Da Educação Física*, p. 225.

25 Richet citado por Fernando de Azevedo, *Antinoüs: estudo de cultura athletica*, p.25.

26 "Sciencia e arte há um tempo - baseia-se toda na biologia, nos princípios anatomico-physiologicos para alcançar a saúde corporea, que é a condição fundamental da do espirito, e tem a realizar um fim duplamente esthetico - o bello na fôrma e no movimento [...] um methodo racional e graduado á realização esthetica do bello no corpo, á criação da belleza plástica". Fernando de Azevedo, *Da Educação Physica*, p. 4-5.

gor e higidez, diferentemente da força bruta de Hércules de i
 ii resultado ephemero e scenico da hyipertrophia mus-I iif.it""
 de quem qualquer plano de exercício fisico digno deveria se
 distanciar.

Fernando de Azevedo vai se apoiar no conceito grego de atlética não só em favor do glamour da cultura helênica, mas também para criticar, muito sutilmente, as propostas que escapavam à lógica moralizante do projeto eugenista. Ele vai criticar o entendimento de esporte nos países anglo-saxões, principalmente por desenvolverem, segundo seu entendimento, um plano incompleto e por vezes artificial.

*Entre os povos modernos, os ingleses, entre os quaes nunca se apagou a tradição do exercício, mas antes se desenvolveu a ponto de darem a illusão de que a Inglaterra é a pátria dos esportes, nunca estudaram o mecanismo interior, que pôde ligar o esporte á pedagogia, nem viram no exercício senão o beneficio brutal, o prazer physico e a saúde, sem querer pôr no esporte lógica, sensibilidade e moral, sem querer dirigi-lo afim de arte e de belleza. Os ingleses, como os romanos, não pareciam ver no esporte senão o seu papel hygienico, o meio de adquirir e conservar a bella saúde; nunca viram o reverso da medalha: a sua função esthetica. O esporte defacto, na concepção grega, é também uma arte plástica. E, sob este ponto de vista, tem sido falha a concepção da athletica na Inglaterra.*²⁸

De certa forma, a concepção inglesa estaria mais propensa à produção de Hércules do que de *Antinoüs*, que estariam encarnados nos "monstruosos" lutadores de feira à época encontrados em maior profusão no país bretão. Esses simulacros masculinos deveriam passar por um processo de paulatina eliminação, assim como os corpos indolentes, em prol de uma composição corporal equilibrada - nem tão grotesco, nem tão frágil.

A universalização da cultura atlética de inspiração helênica seria uma das formas de evitar que a combinação apregoada pelo esporte bretão, excesso de exercícios e menosprezo à estética, deturpasse os propósitos moralizantes de uma "verdadeira" educação dos corpos masculinos. No entanto, a regeneração físico-moral masculina só se completaria na medida em que o disciplinamento também se estendesse às mulheres; verdadeiras "guardiãs da raça".²⁹ Era preciso dar "visibilidade" à cultura física feminina, redirecioná-la aos propósitos higiênicos e

²⁷ Ibid., p. 32

²⁸ Fernando de Azevedo, *Antinoüs: estudo de cultura athletica*, p. 54.

²⁹ Termo usado por Scheila Scraton, *Educación Física de las niñas: un enfoque feminista*, 1995.

eugênicos exigidos pelo corpo-nação moderno, pois "as mulheres fortes fazem uma raça forte".³⁰

Colete muscular de Sandwina

Diferentemente do que acontece com o corpo masculino, Fernando de Azevedo não elege uma única estátua como referência feminina. Recorre a várias imagens, por vezes cita alguns nomes como Vênus ou Afrodite, mas sem as localizar como figuras exemplares que poderiam vir a constituir um modelo que viessem a inspirar a produção de outros corpos. Quando a referência é feminina o plural se impõe ao singular e o individual sucumbe ao coletivo. Azevedo fala das "obreiras da vida", mulheres de seu tempo que, ao serem moldadas pela exercitação física, se aproximam dos "genuínos exemplares da plástica hellênica" ou, como não se cansa de citar, das "nymphas e deusas".

Ao conferir às mulheres um papel social a se concretizar na condução de uma maternidade sadia, seus argumentos são construídos de forma a evidenciar a importância do exercício físico para a realização de tal intento. Exercitação direcionada não apenas para o cuidado e preservação do corpo-saúde das "obreiras da vida" mas também do corpo-saúde da própria nação.

*A mulher, diz Fouillée, não está encerrada no seu 'eu': ella é a humanidade visível; e a sua educação, uma obra cujo interesse se projecta além do individuo (...). O que é, pois, preciso, é ver na menina, que desabrocha, a mãe de amanhã: formar physicamente a mulher de hoje é reformar a geração futura.*³²

Destituídas de suas individualidades as "obreiras da vida" encerram em si mesmas um bem social, pois no seu corpo é alojada a esperança de uma prole sadia. É no seu corpo que se gesta o bom fruto, que "é o transbordamento da seiva que se desprende para reproduzir-se."³³ Aqui fruto é, portanto, resultado de um projeto político-social que percorre e inscreve no corpo feminino marcas que, simultaneamente, evidenciam seu fortalecimento e asseguram sua fragilidade; uma vez que continuam a demarcar seu local social a partir dos contornos de sua natureza anatômica.³⁴

30 Philippe Tissié citado por Fernando de Azevedo, Da Educação Physica, p. 88.

31 Disponível em: <http://amaz.freeyellow.com/forzudas1.htm> -Acesso em 28 maio 2002.

32 Fernando de Azevedo, Da Educação Physica, p. 100.

33 Ibid, p. 10.

34 Thomas Laqueur, no livro Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud vai tornar evidente como em diferentes momentos históricos o corpo biológico



Fernando de Azevedo reconhece a prática de atividades físicas como necessária às mulheres, ainda que as restrições impostas sejam várias e os cuidados a serem seguidos extremamente detalhados. Suas recomendações e prescrições, no que tange os exercícios corporais femininos, direcionam-se para a formação das "obreiras da vida" afirmando a maternidade como a mais nobre missão da mulher, pois dela depende a regeneração da espécie.

Ainda que nesses anos o discurso eugenista tenha muita ressonância na sociedade brasileira, não é novidade a sua existência, nem mesmo sua vinculação com a educação física. Já no final do século XIX, vários dos manuais e livros de educação física no Brasil mencionam a especificidade do trabalho físico para as mulheres em função da regeneração e do aprimoramento da raça brasileira. Com a fraqueza das mães começa a do homem, alerta Eduardo de Magalhães, pois:

*(...) da mulher fraca, depauperada, nervosa, de estômago susceptível, mal nutrida, não se espere filho bem constituído, nem que possa amamentar-o convenientemente: o recém-nascido representa uma célula do organismo de seus progenitores, maxime da mãe (...) A predestinada a reproduzir a espécie, garantir a validez, habilitar o homem a ser homem, apto a lutar pela vida utilmente para si, para a família e para a pátria, - não é devidamente educada entre nós para o desempenho de sua missão sublime!*³⁵

A educação da mulher, concretizada também na e pela educação do seu corpo, em última instância deve estar direcionada para a preservação do universal masculino, visto que seu fortalecimento orgânico se constituirá como um caminho viável para

foi tomado como justificador de diferenciações políticas, culturais e sociais entre os sexos.

35 Eduardo de Magalhães, "A Gymnastica Hygiênica", publicado no Rio de Janeiro em 1894. Citação retirada do texto "A produção teórica brasileira sobre Educação física/Ginástica no Século XIX: autores, mercado e questões de gênero", de Carlos Fernando F da Cunha Júnior, p. 40.

a conquista do "homem novo".³⁶ Como bem ressalta Stela Scraton, "preservar e melhorar a saúde das mulheres, aumentando desse modo suas possibilidades de ter filhos sadios; não tinha nada a ver com a liberação das mulheres das tradicionais restrições de movimentos corporais".³⁷ Ainda que por vezes o discurso de incitação ao exercício físico como forma de livrar as mulheres da indolência, passividade, uso do espartilho, estava muito mais ligado a uma nova forma de encarceramento do que relacionado à concepção mais ampla de liberação feminina.

Defensor do fortalecimento orgânico do corpo feminino, Fernando de Azevedo criticava a família e a escola porque nelas identificava uma relativa falta de atenção a esse caráter tão importante da educação das meninas. Propunha, então, a edificação de uma educação física que, pautada por uma ginástica inteligentemente aplicada fosse capaz de gerar criaturas de rosadas faces e formas perfeitas diferente daquelas "figurinhas pallidas, angulosas e de peito achatado, que povoam nossos salões, como victimas desta educação deficiente, tyranica, incompleta."³⁸

Nessa perspectiva, cabe à educação física corrigir esse legado de "deficiências físicas". Afinal, os tempos são outros e já não havia mais espaço nos postulados científicos para a apreciação destas "figurinhas" femininas. O ócio e a preguiça conformam o mal da alma e, por isso mesmo, não devem ser motivos de orgulho ou combustível para o desejo da carne. Devem ser substituídos pela vitalidade do corpo e pela capacidade de resistir às intempéries da vida em prol da geração futura.

Ao corpo feminino equilibradamente forte e saudável são atribuídas diversas privações que objetivam proteger as características de sua feminilidade e preservar sua fertilidade. Fortes, mas gráceis, reclama Fernando de Azevedo apoiado nos eugenistas e higienistas de seu tempo. Forte, saudável e, fundamentalmente, belo, pois "o typo ideal de belleza que melhor

36 "O gênero é o índice lingüístico da posição política entre os sexos. O gênero é utilizado no singular porque na realidade não há dois gêneros. Só há um: o feminino; o masculino não é um gênero. Já que o masculino não é o masculino, mas sim o geral". Monique Wittig, citada por Judith Butler, *Sujetos de sexo/ gênero/desejo*, 1997. Para Luce Irigaray, "nesta sociedade a mulher existe apenas como uma ocasião para a mediação, transação, transição, transferência entre homens e mesmo entre o homem e ele mesmo, (tradução dos autores). Disponível em <http://www.stfx.ca/people/mmoynagh/445/more-445/Concepts/luce_sub.html> Acesso em 27 abril 2002.

37 McCrone citado por Scheila Scraton, op. cit, p. 39.

38 Fernando de Azevedo, *Da Educação Physica*, p. 90-91.

synthctisa os nossos gostos estheticos, não reside apenas traços regulares do rosto, mas na firmeza dos seios, na esbeltez do talhe, na curva dos quadris, e n'esta belleza plástica, emfim, que requeira das proporções do equilíbrio do corpo.³⁹

A harmonia corporal, a graça, a doçura e a delicadeza são identificadas como atributos femininos que devem ser preservados em consonância com a exercitação física. A mãe brasileira, ao mesmo tempo forte em sua missão patriótica e graciosa em seus gestos, resultaria da ação morfogênica dos exercícios físicos e da observância aos cânones estéticos, que imprimiriam consistência orgânica ao efeito visual do espartilho e modelariam convenientemente as formas corporais. Um colete muscular é o que se espera e não o uso de artificios programados para a consagração de uma estética anacrônica e nociva à saúde feminina.

A construção de "novo" organismo, assentado no trinômio "saúde, força e beleza", passa a ser meticulosamente regulado, visto que uma mulher forte só é tolerada até o ponto em que não ultrapasse aqueles limites ditados a sua "natureza", ou ainda, pelo que a biologia convencionou designar como sendo próprio do corpo feminino. Limites estes que são reconhecidos e reafirmados por Fernando de Azevedo, especialmente quando prescreve diferentes atividades físicas para um e outro sexo, baseando-se em proposições absolutamente naturalizadas e definitivas do que é ser homem e do que é ser mulher.⁴⁰ Não há pluralidade nestas representações, há sim fechamentos de sentido que conformam discursos e produzem corpos.

Nem linda como flores débeis de estufa; muito menos car-nudas como viragos. Da mulher que se exercita se espera um corpo em que "a belleza está unida à força como o perfume à flor."⁴¹

39 *Ibid.*, p. 93.

40 "A resistência dos braços, a solidez do punho, que tem tanta importância para o homem tem, para a mulher importância extraordinariamente menor do que o desenvolvimento da bacia. É impossível desconhecer e não seria lícito na educação pôr de lado a constituição ou o sexo e submeter a juventude, como em Sparta, e agora na Escóssia, aos mesmos exercícios; e se importa ter o maior cuidado na organização delicada das meninas, de seu caracter de 'arbusto delgado que resiste melhor à tempestade que o carvalho secular', não importa menos dar-lhe, por meio de uma educação physica adequada, o vigor necessário, para que possam sem perigo suportar a maternidade e sahir-se galhardamente das duras provas, que a esperam." (*Ibid.*, p. 96).

41 *Ibid.*, p. 92.

*a educação physica da mulher deve ser, portanto, integral, higienica e plástica, e, abrangendo com os trabalhos manuaes os jogos infantis, agymnastica educativa e os esportes, cingir-se exclusivamente aos jogos e esportes menos violentos e de todo em todo compatíveis com a delicadeza do organismo das mães, como sejam entre estes a dansa clássica ao ar livre e a natação, a que deve preceder um curso regular degymnastica intelligentemente administrada.*²*

A natação é observada por Azevedo como um ato psíquico, pois além de ser um dos melhores exercícios respiratórios e uma atividade que proporciona o desenvolvimento harmonioso do músculo, tem um importante valor na luta contra o medo, combatendo, portanto, a "emotividade feminina", substituindo-a, progressivamente, pelo domínio de si mesma.

A dança clássica ao ar livre vai incorporar outros valores, além de congregar uma função educativa e de regeneração plástica é também através de sua prática que Fernando de Azevedo vê a possibilidade de reconstrução em seu tempo dos ideais da cultura helênica. Para ele, as "obreiras da vida", ao se entregarem aos exercícios sistematizados estariam, de certa forma, reafirmando em seus corpos os cânones estéticos de um passado glorioso, pois a dança clássica "pela graça rythmica do movimento e a harmonia das attitudes estheticas faz lembrar as vir-gens das panathenás e as festas amphyctionicas".

No entanto, não são apenas os corpos glamourizados por esta estética que circulavam nos espaços públicos e nas diferentes casas de espetáculo. Neste mesmo período, outras mulheres também encantavam quando exibiam seus "dotes" anatômicos, mas por outros motivos. Estamos nos referindo às *mulheres forçadas*, cujos espetáculos seduziam olhares de homens e mulheres em diferentes partes do mundo, seja nas apresentações que realizavam em feiras e circos, seja nos shows que compunham a programação de teatros e *music-halls*.

Na passagem do século XIX para o XX, várias *strongwomen* adquiriram notoriedade e reconhecimento público ao se apresentaram como "profissionais da força".⁴⁴ Athelda, Minerva,

42 *ibid.*, p. 98.

43 Não é sem razão que, ao recomendar a dança, Fernando de Azevedo faz referência explícita à bailarina norte-americana Isadora Duncan. Motivos existem para essa preferência: Isadora reverencia a arte grega e recorre à sua estética para celebrar representações de beleza e de feminilidade ao elaborar e expressar sua arte de dançar. Os movimentos gráteis, os pés descalços, as túnicas leves, os cabelos soltos, a natural idade dos gestos e a ambientação da dança em locais ao ar livre, por exemplo, são indicativos desta tentativa.

Athleta, Gertrudes Leandros, Madame Montagna, Vulcana, Lilian Leizel, Louise Armando, Mademoiselle Aini, Miss Herta, Madame Stark, Elvira Sansoni, entre outras, tornaram-se figuras populares e apareceriam com destaque nos jornais e revistas que circulavam na época. Seus espetáculos percorriam a Europa e os Estados Unidos e se caracterizavam, fundamentalmente, por demonstrações de força física onde, cada qual, inventava diferentes formas de exibir sua arte e, assim, adquirir prestígio e respeito.⁴⁵

Nas duas obras de Fernando de Azevedo não há referência alguma a essas mulheres, ainda que, muito provavelmente, delas tivesse conhecimento. Seu silêncio também revela as disputas de significado travadas em torno das concepções acerca da apropriada educação dos corpos masculinos e femininos. Silêncio tão revelador quanto a existência de *Sandwina*, considerada em 1910 a mulher mais forte do mundo.⁴⁶

Sandwina nasceu em Viena no ano de 1884 e se chamava Kate Brumbach. Filha de artistas de circo, desde criança praticava exercícios de força juntamente com três de suas irmãs que, como ela, também faziam exposições públicas demonstrando sua arte. Adquiriu grande popularidade nos primeiros anos do século XX fundamentalmente quando, em um pequeno clube na cidade de Nova York, venceu Eugene Sandow em um desafio de força ao erguer sobre sua cabeça um peso total de 300 libras superando o adversário que o ergueu somente até a altura do peito. O nome *Sandwina*, o duplo feminino de Sandow, surge neste dia.

Eugene Sandow era uma figura popular desde o final do século XIX, não só na Europa como também nos Estados Unidos. Além de participar de inúmeras exposições públicas de força

44 Jan Tood e Terry Tood, "A legacy of strength: the cultural phenomenon of the professional strongwoman", p. 13. Jan Tood, *The origins of weight training for female athletes in North America*, p. 4-18.

45 A americana Minerva, por exemplo, entrou para o Guinness Book, em 1895, ao levantar do solo uma plataforma de madeira onde subiram 23 homens, totalizando 1.650 quilos. Jan Tood, *The mystery of Minerva*, p.15.

46 Em outubro de 1910 Sandwina media 1 metro e 82 centímetros de estatura; pesava cerca 98 quilos e tinha um bíceps de aproximadamente 44 centímetros de diâmetro. O jornal alemão "Woven Man Spricht" publicou, em dezembro de 1910, uma entrevista com ela conferindo-lhe o título "The Iron-Queen, the world's most powerful woman". Em 1911 numa publicação americana, o Harper's Weekly, a ela se referiu; Europe's Queen of Strength, Beauty and dexterity. She'll be Queen of America...". In: JanTod, *Entertainers or Athletes? Professional strongwomen*,

física criou um sistema de treinamento físico voltado para o desenvolvimento muscular, arregimentando vários alunos e seguidores. A imagem de seu corpo, moldado pela exercitação, era divulgada também através do uso da fotografia, como relembra o historiador de arte William Ewing ao afirmar que "na Europa e na América, a imagem de Sandow figurou em milhões de *caries de visites* e selos".⁴⁷

Eugene Sandow não era desconhecido de Fernando de Azevedo. No seu livro, *Da Educação Physica*, há dois capítulos destinados à análise de seu sistema de treinamento físico,⁴⁸ mas o considerava inferior a outros por estar direcionado ao que denominou de "idolatria do músculo", antítese da imagem esteticamente harmoniosa de *Antinoüs*.

Ao criticar o trabalho desenvolvido por Sandow, Fernando de Azevedo se refere a Eugene Desbonnet, a quem proclama ser um "professor de educação physica que melhorou este systema, obtendo grande resultado sobre considerável numero de alunos".⁴⁹ Refere e oculta: Desbonnet publicou no ano de 1911 um livro intitulado *Les Rois de la Force*, onde agrupou a biografia de vários homens e várias mulheres que faziam exhibições de força física. Lá estão citados, Sandow e *Sandwina*. Além disto, Desbonnet identificava Eugene Sandow como o mais famoso "strongman" dos primórdios do esporte moderno,⁵⁰ afirmando que sua musculatura fora construída seguindo as mesmas proporções das esculturas greco-romanas.⁵¹

Fernando de Azevedo silencia sobre as referências que aproximavam o corpo de Sandow à estatuária greco-romana. Silêncio que, apesar de seus esforços, deixam rastros também em relação aos corpos femininos musculosos. Talvez por contrariar os ideais de graça e delicadeza desenhadas por grande parte dos

47 William A. Ewing, *El cuerpo*, p. 167.

48 O primeiro intitula-se "O Systema Sandow: a idolatria do músculo" e o segundo "Gymnasticade Müller e systema sandowiano: gymnasticas de quarto. Escolae quese degladiam".

49 Fernando de Azevedo, *Da Educação Physica*, p.125.

50 O próprio Sandow assim identificava seu corpo e não raras vezes, nas suas exhibições imitava algumas poses eternizadas nas esculturas clássicas. Na Chicago World 's Fair, por exemplo, se apresentou dentro de uma tenda de veludo preto, com o corpo todo coberto por um pó branco, de forma a parecer uma estátua de mármore. Christian Anderson, *The life of Eugene Sandow*, 2002.

51 Eugene Desbonnet, *The Great Sandow*, 2002.

intelectuais de seu tempo, corpos como o de *Sandwina* pesam mais por repousarem nas zonas de sombra do próprio discurso higiênico/eugênico do que pela sua musculatura avantajada. Esse tipo de "desvio" da natureza não pode ser mencionado nem tornado visível, inclusive porque desestabilizaria a imagem construída para assegurar um jeito feminino de ser e se comportar.

Incentivar os exercícios físicos não era tarefa fácil, pois, dependendo da quantidade, pode tanto proporcionar um colete muscular suficientemente resistente para assegurar boa maternidade às "obreiras da vida", quanto talhar o corpo de uma *strongwomen*. Se para as primeiras a maternidade sadia estava delineada como sendo a culminância de uma longa e dosada educação física, para as artistas de força talvez fossem o espetáculo, os aplausos, as viagens, a profissão, o reconhecimento de sua individualidade alguns dos motivos que as levavam à constante exercitação de seu corpo.⁵²

A preocupação com exercícios na justa medida estava associada à idéia de que o esforço em demasia contribuiria para o processo de masculinização da mulher. Sua aproximação a atributos, habilidades, atitudes, formas corporais e comportamentos estipulados como naturalmente masculinos as levava, por contraste, ao afastamento de sua missão biológica reservada pela natureza. Além disso, tal aproximação punha em dúvida o, quão feminina poderia ser (ou tinha deixado de ser) uma mulher que se submetia a uma rotina intensa de exercícios físicos em busca da hipertrofia muscular.

Nesse sentido é possível pensar o quanto é inquietante a robustez de *Sandwina*. As características viris atribuídas ao seu corpo davam margem não apenas ao questionamento da sua feminilidade, como também colocavam em dúvida a autenticidade do seu sexo. Afinal, o corpo e comportamento do homem são o modelo, por contraste, a partir do qual o corpo e o comportamento da mulher são julgados. Aquelas que ultrapassassem os limites corporais do convencionalmente estipulado acabavam es-

52 Para o historiador social americano Albert McLean, a popularidade adquirida pelos "strongmen" e pelas "strongwomen" no final do século XIX e início do XX está relacionada com o universo da expansão da democracia industrial que glorificavam, de certa forma, valores como individualismo e independência, liberdade contra certas restrições culturais e certos tabus, além da força física e da coragem. In: Jan Tod, *Entertainers or Athletes? Professional strongwomen, vaudeville and the early-twentieth-century fascination with female strength*, p. 13.

tigmatizadas como "meio-homem", ou ainda, uma espécie de homem pela metade.

Sandwina desconstrói essa representação, pois, assim como várias outras mulheres de seu tempo, inclusive algumas *strongwomen*, era casada, teve filhos e exerceu a maternagem como um dos seus lugares no mundo.⁵³ *Sandwina* subverte, seu corpo expõe a fragilidade dessas identidades fixas que tentam estabelecer as fronteiras da feminilidade normal e desviante, seu corpo fissa a ordem dos discursos que se pautam em tais dualismos. Sua robustez não se reduz ao reflexo invertido do corpo masculino universal, pelo contrário, afirma um outro olhar sobre o feminino, desordena convenções, rompe dicotomias, desestrutura, torna sua anatomia intolerável.⁵⁴

Sandwina confere novos traçados às fronteiras entre o permitido e o proibido, ajudando a desmontar o discurso das diferenças naturais como demarcadoras de talentos e funções. Seu corpo excessivo abalava a fê dos que viam nos exercícios físicos um projeto de transformação de mulheres indolentes em "obreiras da vida". Um projeto eleito para exterminar a ociosidade feminina, evitar a degenerescência da raça e redimir o país do atraso em se fazer grande. Um projeto que, para Fernando de Azevedo, precisa de mulheres fortes, mas não de *mulheres forçadas*.

"Toda a grande sciencia é de imaginação"⁵⁵

Os artistas gregos se empenhavam em insuflar cada vez mais vida nos corpulentos modelos antigos. Na época de Praxíteles,⁵⁶ esse método produziu seus frutos

53 Sandwina foi casada com Max Heymann por 52 anos e teve pelo menos um filho. Batizado com o nome de Theodore tornou-se lutador de boxe profissional nos Estados Unidos entre os anos 1926 e 1932 tendo adotado como nome artístico Teddy Sandwina, ou seja, numa referência explícita à sua mãe. Allan Bodner, *When boxing was a jewish sport*, 1997. Athleta, outra "strongwoman" famosa deste período, teve três filhas (Brada, Louise e Anna) que seguiram a profissão da mãe. Para maiores informações sobre a biografia de algumas destas mulheres consultar *Mujeres forzadas*.- Hasta da década de 1930. <<http://amaz.freeyellow.com/ForzudasI.htm> > Acesso em 23 de março de 2002.

54 Ao escrever sobre as strongwomen da virada do século XIX para o XX, Albert McLean afirma que elas estabelecem uma nova relação com a força física envolvendo, simultaneamente, força, feminilidade e independência. In Jan Todd, op. cit, p. 13.

55 Frase de João Ribeiro, em matéria publicada em 1919 no jornal *Imparcial* do Rio de Janeiro alusiva à conferência Fernando de Azevedo, incorporada na edição de 1920 de *Antinoüs: estudo de cultura athletica* (p. 11).

mais maduros. Os velhos tipos começaram a se mover e a respirar sob as mãos do hábil escultor, e erguem-se diante de nós como seres humanos de verdade mas, ao mesmo tempo, como seres de um mundo diferente e melhor. São, de fato, seres de um mundo diferente, não porque os gregos fossem mais sadios ou mais belos do que os outros homens - não há qualquer razão para pensar que fossem - mas porque a arte, nesse momento, atingira um ponto em que o típico e o individual eram colocados num novo e delicado equilíbrio.⁵⁷

A "ressurreição" de figuras gregas nas obras de Fernando de Azevedo estava intimamente ligada à seleção de atributos perceptíveis na aparência física do escolhido, que pudesse estabelecer os contornos do corpo brasileiro moralmente bom, verdadeiramente saudável e plasticamente belo. Nessa representação corporal não havia lugar para qualquer *Antinoüs*, mas apenas para uma representação específica de *Antinoüs*: anatomia mutilada que emoldurava quadros, adornava estantes e ilustrava capas de livros dos precursores da ginástica racional⁵⁸ - espécie de metáfora das disputas de significados que se travou (e vem se travando) sobre os rastros de sua misteriosa trajetória.

A ausência de referências sobre as mulheres musculosas nas obras de Azevedo servia para manter acesa a fê política nos exercícios físicos como peça chave na conquista de uma maternidade saudável e, conseqüentemente, uma prole mais robusta. Silenciar sobre as *strongwomen* era uma das formas de tentar apagar do horizonte pedagógico-sanitário toda e qualquer mobilidade corporal feminina ambivalente. Nesse particular, *Sandwina* é uma das mais belas encarnações dessa ambivalência: forçada e mãe. Anatomia insuportável para os padrões morais e estéticos apregoados pelos arautos da emergente eugenia.

'Antinoüs... porque Antinoüs?' A esta indagação que Fernando de Azevedo fez a si mesmo poderíamos emendar uma outra: *Sandwina*... porque não *Sandwina*? *Antinoüs*, *Sandwina* e outros tantos nomes citados ou omitidos nas duas primeiras obras de Fernando de Azevedo não foram por nós investigados com o intuito de repararmos injustiças feitas à memória de cada um desses personagens, mas sim para mostrar o quanto há de ficção nas grandes narrativas fundadoras de um período; mostrar como

56 Praxiteles é considerado pelo historiador da arte Ernest Gombrich como o maior artista do século IV a.C. porque sua obra fez desaparecer os vestígios de rigidez. O Apoio de Belvedere e a Venus de Milo, referências de beleza masculina e feminina comumente observadas nas publicações da Educação física, foram esculpidas utilizando as inovações e métodos desenvolvidos por Praxiteles. E. H. Gombrich, História da Arte, p. 69-70.

57 Ibid, p. 70.

58 Sobre a ginástica racional do século XIX e XX ver Carmen Lúcia Soares (1998).

determinados períodos do passado acabam se constituindo em um lugar seguro para a verdade presente; e para mostrar como estamos permanentemente imersos em relações de poder quando estão em disputa os significados de uma dada época.⁵⁹ Nosso objetivo nesse texto foi também percorrer as sutilezas do trabalho desse pioneiro da escola nova não para indicar o quanto seu trabalho é conservador e ultrapassado, pois como ele mesmo dizia: "confundimos as idéias, porque confundimos os tempos"⁶⁰; mas para proceder a entrada em cena das forças que tornaram alguns corpos viáveis e outros intoleráveis. Mais especificamente analisar, através das obras inaugurais de Fernando de Azevedo, os encontros e desencontros de *Antinoüs e Sandwina* na educação dos corpos brasileiros.

Antinoüs e Sandwina: Encuentros y desencuentros en

la educación délos cuerpos brasileños Resumen:

Este artigo analiza la educación de los cuerpos brasileños del inicio del siglo XX. A través de las obras inaugurables de Fernando de Azevedo, de fuentes históricas y documentos disponibles on-line, analiza las formas de exaltación del ejercicio físico para los hombres e las mujeres, formulados con base en la noción de higiene del cuerpo. **Palabras-clave:** Cuerpo, Educación Física, Salud.

Antinoüs e Sandwina: encounters and missed encounters in the education of brazilian bodies

Abstract: This paper aims to analyse the education of the brazilian bodies in the beginning of the 20th Century. Trough the inaugural works of Fernando de Azevedo, historical sources and document available on-line, analyses ways of exaltation of physical exercises for men and women created under the notion of a bodily hygiene. **Keywords:** Body, Physical Education, Health.

59 "A "Grécia Antiga" é uma ficção em imagens e palavras. Desde há muitos séculos, as ruínas e obras de arte gregas são imagens poderosas sobre as quais se projetam os desejos políticos de diferentes poderes do mundo ocidental e as representações e explicações de artistas e intelectuais. As Grécias certamente nunca se pareceram com essa Grécia Antiga, muito menos a do século XX". Milton José de Almeida, A liturgia olímpica, p. 81.

60 Fernando de Azevedo, Da Educação Física, p.187.

AZEVEDO, Fernando de. *Da Educação Physica*. São Paulo/Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1920.

AZEVEDO, Fernando de. *Antinoüs: estudo de cultura athletica*. São Paulo/Rio de Janeiro: Weiszflog irmãos, 1920.

AZEVEDO, Fernando de. *Da Educação Física: o que ela é, o quem tem sido e o que deveria ser*. São Paulo: Melhoramentos, 1960.

ALMEIDA, Milton José de. A liturgia olímpica. In: SOARES, Carmen, (org.). *Corpo e História*. Campinas: Autores Associados, 2001.

ANDERSON, Christian *The life of Eugene Sandow*. Disponível em <<http://www.sandowmuseum.com/sandowlife.html>> Acesso em 18 de maio de 2002.

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

BODNER Allan, *When boxing was a Jewish sport*, 1997. Disponível em <<http://www.boxrec.com>> Acesso em 13 de abril de 2002.

BUTLER, Judith. Sujeitos de sexo/gênero/deseo. In: *Feminaria*, Buenos Aires, ano X (19), p. 1-20, julho 1997.

CUNHA JÚNIOR, Carlos Fernando F da. A produção teórica brasileira sobre Educação Física/Ginástica publicada no século XIX: autores, mercado e questões de gênero. In: FERREIRA NETO, Amarílio (org.) *Pesquisa Histórica na Educação Física - Volume 3*. Aracruz: Faculdade de Ciências Humanas de Aracruz, 1998.

DESBONNET, Eugene, *The Great Sandow*. Disponível em <<http://sandowmuseus.com/page23.html>> Acesso em 23 de março de 2002.

EWING, William. *El cuerpo: fotografías de la configuración humana*. Madrid:Ediciones Siruela, 1996.

FRAGA, Alex Branco. Espectros de Antinoüs: educação do físico e governo dos corpos no Brasil In: Revista Iberoamericana - América Latina, España e Portugal: Berlin/Alemanha e Madrid/España, v. 3, n. 10, p. 103-112, 2003.

GIUFFRÉ, Mercedes. *Antinoö y la misteriosa pasión de un emperador*. Disponível em <<http://www.almargen.com.ar/sitio/seccion/arte/antinoö>> Acesso em 01 abril 2002.

GOELLNER, Silvana Vilodre; *Mulheres forçadas*. Pesquisa desenvolvida junto ao GRECCO - Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo.

GOELLNER, Silvana Vilodre; FRAGA, Alex Branco. A inominável Sandwina e as obreiras da vida: silêncios e incentvos nas obras inaugurais de Fernando de Azevedo. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, vol 25, n. 2, 2003.

GOMBRICH, E. H. *A História da Arte*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, s.d.

IRON GAME HISTORY. *Talking with the world's strongest woman*. Vol. 1, nº 6, p. 3, agosto 1991. Disponível em: <http://www.aafra.org/search/search_frmst.htm>. Acesso em 26 de mar de 2002.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria *Queer* - uma política pós-identitária para a educação In: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis: UFSC/CFCH, v. 9, n. 2, p. 541-553, jul./dez. 2001.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. *A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico*. Campinas: Unicamp, 1994.

MÜLLER, J. R. *Os cinco minutos diários: meu sistema abreviado para homens*. São Paulo: Edanne, s/d.

PENNA, Maria Luiza. *Fernando de Azevedo: educação e transformação*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

PESSANHA, José Américo. Filosofia e modernidade: racionalidade, imaginação e ética. In: *Educação e Realidade*, Porto Alegre: UFRGS/FACED, v. 22, n. 1, p. 13-32, jan./jun. 1997.

SCRATON, Sheila. *Educación Física de las niñas: un enfoque feminista*. Madrid: Morata, 1995.

SOARES, Carmen Lúcia. *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. Campinas: Autores Associados, 1998.

TODD, Jan e TODD, Terry. A legacy of strength: the cultural phenomenon of the professional strongwoman.. *North American Society for Sport History*. Proceedings & Newsletter, 1987, p. 13-14. Disponível em: <http://www.aafa.org/search/search_frmst.htm> Acesso em 25 de mar de 2002.

TODD, Jan e TODD, Terry. The origins of weight training for female athletes in North America. *Iron Games History*. Vol 2, n^o 2, p.4-14, abril 1992. Disponível em: <http://www.aafa.org/search/search_frmst.htm>. Acesso em 25 de mar de 2002.

TODD, Jan e TODD, Terry. *Entertainers or Athletes? Professional strongwomen, vaudeville and the early-twentieth-century fascination with female strength*. Disponível em: <http://www.aafa.org/SportsLibrary/NASSH_Proceedings/NP1996/NP1996l.pdf> Acesso em 25 de mar de 2002.

TODD, Jan. The mystery of Minerva. *Iron Games History*. Vol 1, n^o 2, p.14-17, abril 1990. Disponível em: <http://www.aafa.org/search/search_frmst.htm>. Acesso em 25 de mar de 2002.

VILLALBA, Sara Mesa. *La historia de Antinoos en Fernando Pessoa y en Marguerite Yourcenar: dos grandes de la literatura cara a cara*. Disponível em <<http://www.cica.es/aliens/gittcus/antinoos>> Acesso em 01 abril 2002.

YOURCENAR, Marguerite. *Memórias de Adriano*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

Recebido em: 03/10/2003
Aprovado em: 21/11/2003

Silvana Vilodre Goellner
Alex Branco Fraga
ESEF-UFRGS
Rua Felizardo 750
Jardim Botânico
Porto Alegre - RS
90690-200

E-mails:
goellner@terra.com.br
alexbf@cpovo.net
